

Mês da Bíblia 2021

Somos Um em Cristo Jesus:

Estudo da Carta aos Gálatas

“Pois todos vós
sois um
em Cristo Jesus”
(Gl 3,28d)



Movimento Boa Nova

Somos UM em Cristo Jesus: Estudo da Carta aos Gálatas

*“Pois todos vós sois um em Cristo Jesus”
(Gl 3,28d)*

Mês da Bíblia 2021



Dom Cavati - 2021

Ficha Técnica:

Texto: Denilson Mariano da Silva

Diagramação: Denilson Mariano

Revisão: Denilson Mariano

Imagens: Supercoloring.com - CC

Capa: CNBB - Mês da Bíblia 2021

Edição Digital: PDF / ANYFLIP

ISBN - 978-65-00-29367-8



Casa do Mobon
Rua Santa Maria, 346 - Serapião II
Dom Cavati - MG
Fone: (33) 3357-1348

Visite nosso site: www.mobon.org.br

Apresentação

Desde 1971, há portanto 50 anos, que em setembro se celebra o Mês da Bíblia no Brasil. Tendo iniciado em Belo Horizonte, foi posteriormente sendo assumido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Cada ano, é escolhido um livro ou um texto bíblico para o estudo e, principalmente, para a vivência da Palavra de Deus por todos nós.

Neste ano de 2021, foi-nos indicada a Carta aos Gálatas, enfocando a afirmação de São Paulo: “Todos vós sois um, em Cristo Jesus” (Gl 3, 28d).

A Carta aos Gálatas difere um pouco das outras seis cartas autênticas de Paulo, por causa, diria, da grande preocupação do Apóstolo pela autenticidade do seu evangelho, e pela negação incipiente da sua autenticidade apostólica, por parte dos cristãos judaizantes de Jerusalém. Paulo não escreve a ação de graças habitual, nem termina com as saudações normais. Os judaizantes ensinam que, para serem salvos, os gálatas precisavam observar as obras da Lei, principalmente, serem circuncidados. Negavam a autenticidade do evangelho de Paulo.

O apóstolo fica bravo e muito preocupado. Para ele, aqueles que foram justificados pela graça da fé

estão correndo um grande risco de voltar ao que eram antes da conversão. Por isso, Paulo afirma que é pela fé que Cristo libertou os gálatas. A salvação se dá pela graça de Cristo e não pelas obras da Lei.

A afirmação de Gl 3, 28d: “Todos vós sois um, em Cristo Jesus” lembra que, de dois povos, judeus e pagãos, Jesus fez uma unidade. Todos são salvos pela mesma fé em Jesus Cristo. O v. 28 completo diz: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

A equipe do Movimento da Boa Nova - MOBON, desenvolveu, maravilhosamente bem, neste pequeno curso de sete encontros, este tema, síntese da Carta aos Gálatas: a nossa unidade em Cristo.

Deixo aqui a minha bênção ao nosso incansável Mariano e a todos os que irão alimentar sua Fé e sua vivência cristã, participando deste curso do Mês da Bíblia. Quero abençoar também sua Família, sua Comunidade e sua Paróquia.

Que o Senhor Jesus, que nos chamou pela fé e nos reuniu na sua Igreja, esteja com todos vocês. E Ihes derrame com abundância a sua bênção, por intercessão de nossa Mãe Santíssima, a Virgem Maria.

Em nome do † Pai, e do † Filho, e do † Espírito Santo. Amém.

Caratinga, 26 de agosto de 2021.

+ *Dom Emanuel Messias de Oliveira*

Bispo Diocesano de Caratinga

Introdução:

A Igreja do Brasil nos remete ao estudo da Carta aos Gálatas neste ano de 2021. A Palavra de Deus se revela sempre nova e o estudo desta Carta apresenta uma grande luz diante dos desafios de nossa atualidade. O lema que guia todo o estudo é: “Pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28d). A unidade é o grande sonho de Deus para a humanidade. O Eixo dessa unidade é Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, fonte de vida e de liberdade plenas.

A Carta foi escrita para ajudar a superar uma crise enfrentada pelas comunidades dos gálatas por volta do ano 53-54 d.C. As comunidades da Galácia eram formadas por cristãos convertidos do paganismo (gentios) a partir do trabalho missionário de Paulo. Um grupo de convertidos vindos do judaísmo (judaizantes) começa a espalhar nas comunidades a falsa ideia de que para ser verdadeiro cristão e alcançar a salvação, precisava passar pela circuncisão. É como se precisasse primeiro tornar-se judeu, para depois abraçar a fé em Jesus Cristo.

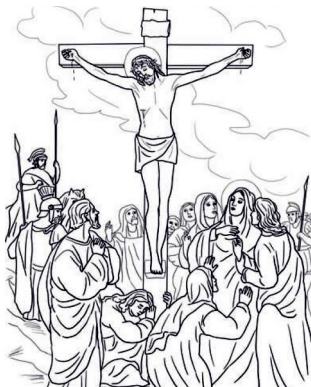
O estudo desta Carta pode iluminar a nossa realidade diante das polarizações que provocam divisões, desencontros e conflitos quer na Igreja como na sociedade. A pandemia da Covid 19, iniciada em março de 2020, fez vir à tona e escancarou as desigualdades sociais, os conflitos raciais, religiosos, de gênero e diversos preconceitos. Esta Carta nos lembra que somos filhos e filhas de Deus, desafiados a aprender a viver como irmãos e irmãs universais.

O lema desta Carta encontra-se dentro de um hino batismal (Gl 3,26-28), que já existia antes da pregação de Paulo e é utilizado por ele como o eixo de reflexão para a superação das divisões vividas naquelas comunidades. A partir do Batismo somos revestidos de Cristo e chamados a uma vida nova, livre e igualitária, em que todas as discriminações são abolidas pois, “em Cristo somos UM”. Todos somos iguais diante de Deus e só existe um Evangelho (Gl 1,6-9; 2,7-8; 5,14). Esse hino é a chave de leitura e de compreensão de toda a Carta. A unidade é o varal que sustenta cada um dos sete encontros deste nosso estudo.

Além disso, vivemos um tempo de grande riqueza na Igreja. Em 2021, completamos 50 anos do Mês da Bíblia no Brasil e nossa Igreja nos convida para um renovado esforço para a Animação bíblica da vida e da Pastoral. A CNBB, na sua última Assembleia Geral nos presenteia com um documento de estudo sobre este tema. Teremos em novembro, pela primeira vez na história, a celebração de uma Assembleia Eclesial, que reúne leigos e clérigos, todo o povo de Deus pensando juntos o caminho da Igreja na América Latina. Nos preparamos para o Sínodo dos Bispos (2023) sobre a sinodalidade, na busca de maior participação de todos nas decisões, um caminho de maior corresponsabilidade no seio da Igreja.

Esperamos que o ardor missionário de Paulo e a liberdade do Evangelho de Cristo por ele anunciado penetrem no coração de nossas lideranças e nos inspire a todos a caminhar na unidade e a buscar superar todas as formas de divisões e discriminações, pois, “somos UM em Cristo Jesus!”

1º Encontro: Um único Evangelho: Jesus Cristo



Chave de Leitura: Gálatas 1,1-10

1. Como Paulo se identifica nesta carta?
2. O que Paulo cobra das comunidades?
3. Como Paulo reage aos que anunciam um evangelho diferente?
4. Em nossos dias, quem tem anunciado um evangelho diferente? Dê exemplos?

Por se tratar de uma situação conflituosa e delicada, a Carta aos Gálatas nos revela traços característicos do Apóstolo Paulo, que nem sempre estão claros em outras cartas. Paulo demonstra uma verdadeira cólera contra os opositores ao Evangelho, mas também revela sua paixão e carinho pelo anúncio de Jesus Cristo.

É uma carta destinada ao povo de pequenas comunidades cristãs rurais, dispersas pela região da Galácia (Gl 1,2), onde atualmente é a Turquia. Eram comunidades de convertidos vindos do paganismo e Paulo, preocupado em fazer o Evangelho chegar às grandes cidades, não se deteve por muito tempo na Galácia (cf. At 16,6; 18,23). Porém uma enfermidade nos olhos (Gl 4,15), que ele nomeia de “espinho na carne” (1Cor 12,7s), o obrigou a demorar um pouco mais na região. Ele experimenta um grande carinho por parte dos convertidos, dispostos a tudo fazerem pelo bem de Paulo. Eles o tratam como “um anjo de Deus” como se fosse “Cristo Jesus” (Gl 4,14). Paulo tem um grande carinho por essas comunidades. São para ele como “irmãos” (Gl 4,12-17) e “filhos” (Gl 4,18-20).

Essas comunidades eram formadas por um povo misto: os frígios, habitantes mais antigos e também mais pacíficos e os celtas, vindos da Europa Central de alta estatura e mais perigosos. No ano 21 a.C foi dominada pelo Império Romano, subjugada ao seu modo de produção escravagista “totalmente desumano”, com grande cobrança de tributos e concentração de renda. Havia um abismo entre ricos e pobres, entre os senhores e os escravos.

Nesta carta, é possível identificar três grupos de pessoas: os que abandonaram a fé (Gl 1,6); os opositores a Paulo (cristãos judaizantes); os fiéis que escreveram a “Carta da conversão”. Os opositores, como joio no meio do trigo, estavam destruindo as comunidades formadas por Paulo. Apegados à lei e à tradição, insis-

tiam na necessidade da circuncisão e os mais frágeis na fé, confundidos, mudavam de lado, seguindo a “onda do momento”.

Paulo tinha clareza da situação e via como urgente esclarecer que só existe um Evangelho, aquele anunciado por Jesus Cristo. Poucas vezes usa a palavra “irmãos”. E, contra os judaizantes, usa uma expressão muito severa: “seja excluído”! (Gl 1,8.9). Que, tanto na língua grega (anátema), como no hebraico (hérem), indicam expulsão da comunidade de fé. Estavam destituídos do seguimento a Jesus Cristo. Foi uma reação dura e explosiva. Futuramente, Paulo chegou a reconhecer certo exagero (cf. Rm 9).

Os cristãos judaizantes, apegados à tradição (Gl 1,7b.9b) eram os causadores de toda esta divisão nas comunidades. Paulo recorda que ele tinha sido um judeu exemplar e depois abraçou o Evangelho de Cristo (Gl 1,11-12), ele esperava dos demais judeus convertidos, a mesma adesão a Jesus. Esse conflito ajuda a clarear a importância do Evangelho e necessidade de cada cristão identificar-se com Cristo.

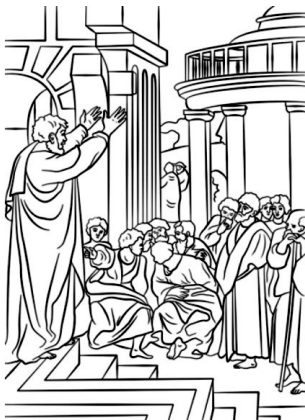
Os judaizantes percorriam as comunidades anunciando um “evangelho segundo critérios humanos”, contrário ao “Evangelho de Cristo”; contrário à “revelação” (cf. Gl 1,11-14). Paulo recorda sua vocação de anunciar o Evangelho aos pagãos (Gl 1,15), uma iniciativa de Deus em sua vida, que lhe dava a mesma autoridade dos demais apóstolos. Paulo sempre buscou a comunhão e a unidade, confirmadas por sua visita a Jerusalém, onde encontra-se com Pedro, Tiago e João (Gl 1,18).

O estudo desta Carta nos ajudará também a lidar com os cristãos de nossos dias cujo apego excessivo à tradição cria dificuldades para a comunhão, distancia da fidelidade ao Evangelho, leva a criar oposições ao Vaticano II, ao Papa Francisco, à CNBB e às CEBs, no fundo dificultam o avanço do Evangelho na construção de uma sociedade mas justa, fraterna e solidária, enfraquecem a profecia da Igreja diante dos desafios atuais. Somos convocados a deixar-nos mover pela força da Palavra em todas as nossas ações, decisões e projetos, chamados a uma efetiva animação bíblica da vida e da pastoral (CNBB, Doc. 114, n. 24).

APROFUNDAMENTO: Nossas comunidades estão firmes no Evangelho que é Cristo ou têm buscado um “evangelho diferente”, a seu próprio gosto? Por quê? .

2º Encontro:

Opositores à liberdade do Evangelho



Chave de Leitura: Gálatas 2,1-10

1. Como Paulo fala do anúncio do Evangelho aos Pagãos?
2. Que evangelização foi confiada a Pedro e qual outra a Paulo?
3. Que recomendação especial é dada a Paulo e a seus companheiros?
4. Nossa prática evangelizadora é aberta para as novas realidades e desafios? Dê exemplos.

Como foi sinalizado na introdução, o hino batismal (Gl 3,26-28) é a expressão central da liberdade do Evangelho de Jesus que ilumina toda a Carta aos Gálatas.

Um impulso revolucionário que levava as comunidades a se organizarem internamente, de forma participativa, fraterna e igualitária, tornando-se um sinal para a luta contra toda desigualdade social, econômica, política, cultural, racial, ideológica e religiosa.

Paulo revela grande zelo pela unidade da Igreja, motivo pelo qual ele procura encontrar-se com Pedro, Tiago e João, mas ao mesmo tempo, zela por garantir a liberdade trazida pelo Evangelho de Cristo. Luta pela “verdade do Evangelho” e luta pela liberdade dos convertidos vindos do paganismo para que não tenham que se submeter à tradição da religião judaica. A Igreja de Jerusalém reconhece e acolhe o anúncio do Evangelho feito por Paulo e Barnabé aos pagãos e lhes dá autonomia para a continuação da missão, desde que não se esquecessem dos pobres (Gl 2,10; cf. 2Cor 8,9).

Para melhor compreender esse conflito, importa lembrar que a religião judaica tinha três colunas: a Lei do sábado, a Lei do puro e do impuro e a Lei da circuncisão. A circuncisão era o rito que revelava a adesão à Lei Judaica. Os escravos e outros que não eram descendentes de Abraão se tornavam herdeiros da promessa por meio da circuncisão. Assim, a circuncisão foi sacralizada e tornou-se um sinal da “aliança com Deus”. Entre as comunidades da Galácia, um grupo de judeus convertidos ao cristianismo se julgavam superiores e olhavam para os convertidos vindos do paganismo e não circuncidados como cristãos de segunda categoria.

A este grupo de opositores à liberdade do Evangelho, Paulo chama de “falsos irmãos” pessoas que se

infiltravam nas comunidades, como “intrusos”, negando a liberdade do Evangelho para os fazerem “escravos” (Gl 2,4). Paulo novamente usa um argumento forte: “nos tornar escravos”, pois o Império Romano já os dominava com uma política de escravidão em que a comunidade de fé era um espaço de liberdade trazida pelo Evangelho de Cristo. Agora, os “falsos irmãos” queriam impor nova escravidão e esta, dentro da comunidade de fé. O Hino Batismal (Gl 3,26-28) revela, com clareza, que quem se une a Jesus Cristo e abraça o seu projeto de vida, vive na liberdade, porque é filho de Deus.

Paulo deixa claro que a unidade não vem pela uniformidade. Ele reforça a unidade na diversidade. Retoma que o Concílio (cf. At 15, 1-29) e as autoridades de Jerusalém (Pedro, Tiago e João) reconheceram a revelação de Deus dada a ele e seu anúncio do Evangelho entre os pagãos. Esse acordo foi selado com o aperto de mão das autoridades de Jerusalém dado a Paulo e Barnabé (Gl 2,9) e na exigência de não se esquecerem dos pobres (Gl 2,10), que representavam a grande maioria dos cristãos vindos do paganismo. O que Paulo procura realizar com solicitude (cf. Rm 15,26; 1Cor 16,1-4; 2Cor 9,6-15).

Na sequência, para reforçar a liberdade do Evangelho e a busca da unidade, Paulo recorda a incoerência de Pedro agindo de forma contrária à decisão do Concílio de Jerusalém e a divisão provocada pelos partidários de Tiago que se recusavam à comunhão de mesa com os pagãos. Não se trata de um desvio de doutrina, mas de uma incoerência, por um sentido de superioridade de uns sobre os outros que termina em

hipocrisia. Paulo deixa claro que a comunidade de mesa tem que ser um sinal de unidade na fé, da unidade da Igreja. Como expresso em 1Cor 10,17: “E como há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois participamos todos desse único pão.”

A Igreja do Brasil, nesta busca da unidade na diversidade nos aponta que: “Talvez se poderia até pensar que a história teria novos e promissores rumos. Contudo, se faltar uma verdadeira experiência de fé, o ser humano se desencontra. [...] Todo ser humano tem direito à esperança. E a Animação Bíblica da Pastoral se levanta como uma resposta criativa. Foi esta a inspiração dos primeiros cristãos. Foi esta a melhor explicação para tanta fecundidade evangelizadora” Afinal a “Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela” (VD 3). (CNBB, Doc 114, n. 29; 34).

APROFUNDAMENTO: Em nossos dias como temos agido diante dos opositores ao Evangelho? Qual a melhor atitude a ser tomada?

3º Encontro:

Ficar firmes no projeto de Jesus



Chave de Leitura: Gálatas 3,1-14

1. Porque Paulo chama os Gálatas de insensatos?
2. O que garante a participação na herança de Abraão?
3. O que acontece com aqueles que se confiam somente na Lei?
4. Nossas comunidades se orientam mais pela prática de Jesus ou pelas tradições?

Diante dos opositores ao Evangelho de Cristo, ao Evangelho de liberdade, com firmeza e por meio de um ensinamento bem elaborado, Paulo recorre às Escrituras para mostrar que a herança prometida por

Deus é adquirida por meio da fé. Não é da Lei que vem a Salvação, mas da fé em Cristo Jesus.

Trata-se de uma questão central no seguimento de Jesus e que comprometia todo o trabalho missionário de Paulo junto aos pagãos. O Apóstolo começa com um forte puxão de orelhas: “ó Gálatas insensatos quem vos enfeitiçou” (Gl 3,1) e depois recorda que eles tinham aceitado o Evangelho, tinham recebido o Espírito Santo e agora regrediram abandonando a fé. Seguidas vezes Paulo questiona se a caminhada que fizeram, os bens que receberam, foi pelas obras da Lei ou pela escuta da fé.

Paulo destaca que, pelo Batismo vem a entrada na comunidade de fé e o início de uma vida nova na liberdade do Espírito (cf. Gl 5,1). No entanto, por causa da pregação dos opositores, alguns engataram uma marcha a ré, perderam o sentido da cruz de Cristo, da ressurreição e retornaram à escravidão. A dureza nas expressões de Paulo é para despertá-los, fazer olhar para frente e seguir o caminho indicado por Jesus.

Paulo recorda aos Gálatas as circunstâncias em que anunciou o Evangelho e, neste anúncio, só quis fazer conhecer a mensagem da cruz de Cristo, loucura para os homens, mas sabedoria de Deus (cf. 1Cor 2,2). É pela cruz que se realiza o poder de Deus que nos dá o Espírito Santo. É a primeira vez que Paulo fala do Espírito nesta carta. Falta aos gálatas o dom do discernimento, pois estão perdidos diante das ações dos opositores ao Evangelho. Depois de experimentarem a liberdade, voltaram às obras da carne recusando-se à comunhão

de mesa com os não circuncidados, voltando às celebrações das festas judaicas (Gl 4,9-10), um retorno a ritos vazios diante da grandeza da liberdade da fé em Cristo.

Recorrendo às Sagradas Escrituras Paulo mostra quem são os verdadeiros filhos de Abraão e herdeiro da Promessa divina. “Abraão teve fé em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça” (Gl 3,6) é uma retomada da Gn 15,6; “Todas as nações serão abençoadas em você” (Gl 3,8) vem de Gn 12,3; “Os que observam a Lei, porém, estão todos debaixo do peso da maldição” (Gl 3,10), retoma Dt 27,26. Em resumo Abraão é o nosso Pai na fé (Patriarca) e todas as nações foram abençoadas, justificadas pela adesão de fé a Deus que encontra seu ponto mais alto em Cristo. É herdeiro da Promessa aquele que tem fé. Apoiando-se em Dt 27,26, Paulo aponta que a adesão à Lei obriga a uma observância total da Lei, e não cumpri-la é uma maldição, algo que escraviza. A Lei levou Jesus a ser considerado um maldito.

Fazendo uma aproximação com o resgate dos escravos que lhes dava a liberdade, Paulo mostra que Cristo nos resgatou da maldição da Lei (Gl 3,13), assim pelo Batismo e seguimento de Jesus, a bênção de Abraão se estende a todos, também aos pagãos. Com este recurso às Escrituras, Paulo também adverte para que a Bíblia não seja usada ou instrumentalizada para ações contrárias ao projeto de Deus.

Em nossos dias, alguns canais de televisão usam a Bíblia para reforçar a ideologia da prosperidade, como que obrigando a Deus a ceder às nossas vontades. A Bancada da Bíblia, no Congresso e no Senado brasilei-

ros, vota em projetos contrários ao povo e favor do interesse de minorias privilegiadas. A Palavra de Deus só pode nos levar à liberdade e à vida plena para todos (cf. Jo 10,10), nunca nos fazer voltar a qualquer forma de escravidão.

A Igreja do Brasil nos recorda que: “Embora já tenhamos percorrido muitos e belos caminhos, não se pode negar que nós católicos ainda carecemos de maiores afinidades com a Bíblia. Precisamos conhecê-la com maior profundidade [...]. Talvez por procurar a Palavra escrita de Deus mais para respaldar ideias e projetos do que para fazer dela o princípio e fundamento da evangelização. Até aconteceu de buscar nas páginas da Escritura argumentos para justificar diferenças e polarizações. Os tempos urgem a novas experiências. Já são muitos os que sabem falar da Bíblia. Mas agora a Igreja sente a urgência de deixar a Palavra falar” (CNBB, Doc. 114, n. 121).

APROFUNDAMENTO: Nossas escolhas e decisões na sociedade revelam que estamos firmes no projeto de Jesus? Caminhamos para a liberdade ou para a escravidão? Por quê?

4º Encontro:

A Lei, a Fé, a Liberdade Cristã



Chave de Leitura: Gálatas 3,19-29

1. Por qual motivo foi dada a Lei?
2. Que imagem Paulo usa para explicitar a Lei?
3. O que muda com a chegada da Fé?
4. Que sinais da liberdade cristã identificamos em nossas comunidades?

Nesta Carta, revela-se um confronto forte, até violento de Paulo contra os opositores ao Evangelho (os judaizantes). A Lei era muito venerada no judaísmo, a Lei era como uma árvore da vida. Ela deveria ser uma pedagoga que conduziria a Cristo (Gl 3,24), mas Paulo demonstra que ela se tornou um tropeço. Em nome

da Lei os judeus recusavam o Evangelho, se negavam a reconhecer que, com Cristo, surgiu um mundo novo (Gl 6,15). Paulo não despreza a promessa feita a Abraão, ele procura mostrar que é uma ação gratuita de Deus, um testamento que não se pode modificar. Para Paulo a promessa e a lei não são uma coisa só. A Lei foi dada no Monte Sinai, 430 anos depois da promessa, ela não pode revogar o testamento (Gl 3,17-18).

Então, para que serve a Lei? Ela se destina a identificar os transgressores (Gl 3,19). A promessa foi dada diretamente por Deus a Abraão, a Lei foi dada ao povo por meio de um mediador, Moisés. A Lei é inferior à promessa. Ela não tem poder de comunicar a vida por si mesma, não traz consigo a justiça (Gl 3,21). A promessa foi dada àqueles que crêem. Deus deu a herança a quem tem fé em Jesus Cristo (Gl 3,22), A finalidade da Lei é conduzir, orientar para Cristo, o grande herdeiro da promessa (Gl 3,23-25).

Um judeu ou mesmo um cristão, que aprecia o Antigo Testamento, podem se escandalizar com a dureza dos argumentos de Paulo. Ele não se posiciona em relação às pessoas, ele busca os fundamentos, mostra que “a função da lei é dar consciência do pecado” (Rm 3,20). Paulo, não despreza a Lei, mas aponta a superioridade de Cristo que ultrapassa toda a Lei. A Lei tem a missão de preparar a todos para abraçarem a fé (Gl 3,24). Com a chegada de Jesus, tudo mudou, pois, Cristo é a plenitude da Lei (cf. Mt 5,17).

Paulo retoma o hino batismal (Gl 3,26-28), que já existia antes dele começar seu trabalho missionário. Foi escrito, provavelmente, pelas primeiras comunidades

cristãs. Este hino também circulava nas comunidades da Galácia e Paulo faz dele o centro, o ponto alto de toda a Carta e o princípio de superação da polêmica trazida pelos opositores ao Evangelho. Este hino batismal resume o projeto pastoral de Paulo, especialmente junto aos pagãos. Em seu tempo os estrangeiros, os escravos, as mulheres, não tinham voz, nem vez, nem espaço.

O hino revela a liberdade trazida por Cristo que permite superar as discriminações religiosas, de raça, de estruturas sociais e entre homens e mulheres. O hino revela o ideal cristão da busca da igualdade entre judeus e pagãos, a busca da libertação dos escravos e a emancipação das mulheres. Em Cristo era possível viver em igualdade e liberdade, superando as divisões e diferenças. Por isso, toda a Carta deve ser lida a partir do hino batismal, ele é a luz que a ilumina por inteiro.

Em resumo, a Carta aos Gálatas é uma “Carta da liberdade”. Jesus Cristo nos libertou! Deus continua a nos salvar pela nossa fé e adesão a Jesus Cristo. Não podemos ser escravos de nenhuma lei, de nenhuma instituição ou de um sistema. “Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres” (Gal 5,1). Se somos filhos e filhas de Deus, já não há escravidão, não há discriminação, toda superioridade deve ser dar lugar à busca da unidade em Cristo. A fé em Cristo Jesus leva a superar todas as diferenças, todos os preconceitos, toda forma de intolerância sejam elas raciais, religiosas, sociais, sexuais... Pois, somos UM SÓ em Cristo Jesus (Gl 3,28d), participamos da mesma dignidade de filhos e filhas de Deus.

Vivemos tempos difíceis, de aumento da violência contra os pobres, os negros, as mulheres, os estrangeiros e homossexuais... A Carta de Paulo não pode ler lida apenas como quem olha para o retrovisor da história. É preciso desembaçar o parabrisa, olhar com clareza o caminho a ser feito, descobrir na Carta o que Deus pede de nós. A animação bíblica implica traduzir, para o hoje de nossa história, os apelos de Deus que nos vem por meio de sua Palavra: “O Documento de Aparecida (DAp 248), ao propor a animação bíblica da pastoral, associa-a com “fonte de evangelização”, “alimento com o Pão da Palavra”, “encontro com Jesus Cristo vivo”. (CNBB, Doc. 114, n. 127). A animação bíblica implica tirar as conclusões sociais da nossa fé para o hoje de nossa história.

APROFUNDAMENTO: Como leigos e leigas nos sentimos livres e promotores da liberdade na Igreja? Por quê?

5º Encontro: Ternura: Formar Cristo em nós



Chave de Leitura: Gálatas 4,12-20

1. Quais os sinais da acolhida de Paulo em Gálatas?
2. Qual a verdadeira intenção dos opositores de Paulo?
3. O que Paulo recomenda à comunidade?
4. Diante dos conflitos nos apoiamos em Cristo ou em nossas opiniões?

Na Carta aos Gálatas, o capítulo 4 inicia com a declaração de Paulo de que acabou o tempo da tutela da Lei. Com Jesus chegou a plenitude do tempo, por meio de seu Filho, Deus nos resgatou da submissão da Lei: Somos filhos no Filho, graças ao Espírito da promessa (Gl 4,1-7). Paulo explicita também a ação trinitária de Deus na obra da Salvação.

O Pai toma a iniciativa enviando o Filho e também o Espírito que clama Abba = Pai (Paizinho), o verdadeiro nome de Deus. A “plenitude dos tempos” é uma expressão de origem apocalíptica (cf. Mc 1,15), para indicar que a vinda do Salvador não se trata de um progresso da civilização, mas uma decisão divina.

O Filho não é apresentado nos moldes da esperança judaica, mas nos desígnios próprios do Pai, segundo a Sua vontade. Neste texto a motivação da vinda do Filho é libertar a humanidade do estado de escravidão em que se encontra. O Pai envia o Filho, nascido de mulher, submetido à Lei para libertar da Lei e nos tornar filhos adotivos. A expressão “nascido de mulher” (Gl 4,4) destaca o realismo da encarnação mas, sobretudo, a fragilidade humana, igual a nós em tudo, menos no pecado (cf. Fl 2,6-11).

O Espírito do Filho é enviado com a mesma missão de libertar da escravidão e do medo, que nos faz herdeiros de Deus (cf. Rm 8,15s). E somente o homem livre podia fazer uso da palavra com franqueza (paresía). O Espírito nos mostra a dignidade de filhos de Deus que se manifesta no grito da oração: Abba = Pai. Mais uma vez fica claro que os cristãos vindos do paganismo são verdadeiramente filhos, herdeiros da promessa, livres e participantes da mesma dignidade dos cristãos vindos do judaísmo.

Depois de repetir os necessários cuidados em relação à antiga Aliança, um retrocesso que os escravizava: “como podeis voltar a elementos fracos e pobres e, de novo servir a eles” (Gl 4,9) chega a afirmar que seus esforços para a libertação foram inúteis (Gl 4,11). Mas, nesta parte Paulo abrandava a severidade e retomava um tom carinhoso. Ele quer recuperar o afeto e a confiança dos gálatas que havia sido afetada pela ação dos opositores. Ele recorda os tempos do primeiro contato com as comunidades daquela região. Ele os chama de “irmãos” e pede: “sede como eu” (Gl 4,12), não com a pretensão de ser o modelo, mas por buscar recriar em si mesmo o verdadeiro modelo que é Jesus Cristo.

Ele recorda o carinho da comunidade diante de sua enfermidade nos olhos e a disposição que tinham em

ajudá-lo: “teriam arrancado os próprios olhos para me dar” (Gl 4,15). Mas que agora perderam a alegria e já não o vêem como amigo, justamente por lhes ter dito a verdade. Destaca os falsos interesses dos opositores ao Evangelho e lhes adverte a perseverarem sempre no bem. Mesmo sem saber ao certo que atitude tomar, ele olha para os cristãos da Galácia com preocupações maternais: “Meus filhos, sofro novamente como dores de parto, até que Cristo esteja formado em vocês” (Gl 4,20). O que lhe preocupa é a ausência de Cristo neles e entre eles. Precisavam amadurecer, precisavam de uma nova evangelização.

Em nossos dias, torna-se urgente perguntar se os cristãos de nossas comunidades estão agindo como Cristo ou se deixando levar, escravizar, por pensamentos e atitudes contrárias ao Evangelho. Não se pode torcer o Evangelho para justificar nossas ações. Nós é que precisamos nos converter, mudar nossas ações para que sejam de acordo com o Evangelho. Precisamos “formar Cristo em nós”, deixar que Ele nos transforme em verdadeiros filhos e filhas de Deus.

Vale lembrar que: “nunca se pode esquecer que Jesus Cristo não será mais seguido simplesmente porque mais estudado. O caminho primeiro é outro. É aquele de proporcionar ao Povo de Deus aquelas experiências que moveram importantes personagens dos evangelhos. E a Leitura Orante da Palavra Inspirada, isto é, densa de Espírito, é um caminho possível e acessível para vivências semelhantes” (CNBB, Doc. 114, n. 122).

APROFUNDAMENTO: Nossas comunidades se guiam mais pela luz do Evangelho ou pelas ondas da sociedade e redes sociais? Por quê?

6º Encontro: Pelo Espírito, não cansar de fazer o bem



Chave de Leitura: Gálatas 5,25 – 6,10

1. O que Paulo recomenda?
2. O que cada um vai colher?
3. O que Paulo diz sobre o fazer o bem?
4. Em nossos dias, levamos a sério estas recomendações de Paulo? Por quê?

Paulo apela para a vocação de liberdade: “Fiquem firmes e não se deixem amarrar de novo pelo jugo da escravidão” (Gl 5,1b). Ele quer preservar a liberdade. Mais uma vez, o hino batismal aponta o caminho da liberdade: “não há escravo ou livre” (Gl 3,26-28). A liberdade cristã se caracteriza pelo ser filhos e filhas de Deus (Gl 4,4-7), implica superar

toda falsa concepção de Deus (idolatria, magia, curandeirismo...) para reconhecer a Deus como Pai de Jesus e nosso, Aquele que podemos chamar de “Papai”, Abba.

Ao indicar “de novo” se refere à experiência de servidão pela qual os gálatas passaram no paganismo e pelos modos de produção escravagista dos romanos e tendo experimentado a liberdade no seio da comunidade, correm o risco de se deixarem amarrar pelas prescrições da Lei judaica. Os Gálatas deveriam permanecer firmes na liberdade como soldados em seus postos. A liberdade é uma constante conquista pessoal e comunitária, se descuidarmos, podemos perdê-la.

Paulo deixa claro que o mais importante é a fé em Jesus. Ser ou não ser circuncidado, não faz diferença (Gl 5,6). Retroceder é perder a liberdade, é voltar à escravidão, não reconhecer a liberdade que vem de Cristo. É romper com Cristo e negar o anúncio que haviam recebido de Paulo (Gl 5,4-5). As comunidades devem refazer a sua unidade em Cristo (Gl 3,28). Em tom de ironia, ele aproxima a circuncisão das mutilações feitas nos cultos pagãos dos deuses gregos (Cibebe e Átis), assim aqueles que defendiam a circuncisão dos cristãos convertidos, incorriam no mesmo erro do paganismo, que aparentemente combatiam.

Paulo clareia o verdadeiro sentido da liberdade cristã. Somos vocacionados, chamados à liberdade, mas isto não significa uma autonomia individual, pois seria cair no terreno da “carne”, uma libertinagem. Esta leva a pessoa a cair em uma “escravidão camuflada”. A liberdade não é algo fácil, ela é exigente. A liberdade se concretiza no amor aos irmãos e na convivência responsável, de mútuos serviços,

em comunidade. Toda a Lei se resume em amar o próximo como a si mesmo (Gl 5,14). Onde todos se mordem e se devoram, não há comunidade, não há liberdade, não há Cristo (Gl 5,15).

A vida em comunidade exige docilidade ao Espírito (Gl 5,16.18.25). Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade (2Cor 3,17). O ambiente comunitário ajuda superar os instintos egoístas que nos distanciam de Cristo, do Evangelho. Paulo destaca que os frutos do Espírito nos levam ao encontro com os irmãos (amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade e mansidão); ao encontro com Deus (fé); e ao encontro conosco mesmo (domínio próprio) (Gl 5,22-23). A liberdade não se inicia nas mudanças exteriores, ela se dá a partir da conversão pessoal e comunitária, na abertura ao Espírito que nos leva a viver de acordo com o Evangelho: a Lei de Cristo (Gl 6,2, 1Cor 9,21.23). Viver como Cristo viveu, assumir o dinamismo que o animou durante toda a sua vida especialmente na oferta da cruz, dom supremo (Gl 2,20). Revestir-nos dos sentimentos de Cristo, isto é obra do Espírito.

Só há comunidade onde verdadeiramente há espaço para a ação do Espírito. E isso se reconhece pelos frutos. Paulo parte para algumas correções fraternas sobre a vida em comunidade. Não buscar lutar pelo poder (vanglória), onde há luta pelo poder, é impossível a vivência do Amor. O caminho é a fraternidade em Cristo, que nos faz irmãos “espirituais”, que vivem em comunidade à luz do Espírito de Deus, superam a arrogância, a prepotência e vivem a humildade, a caridade. Não somos independentes, mas interdependentes. Todos precisam de todos, todos depen-

demos do Espírito de Deus (Gl 5,25). Por isso, enquanto temos tempo, “ façamos o bem a todos” (Gl 6,10).

A Igreja nos lembra que “Muito importante para a Animação Bíblica da Pastoral é superar as tendências a abordagens individualistas [...]. ‘É muito importante a leitura comunitária porque o sujeito vivo da Sagrada Escritura é o Povo de Deus, é a Igreja’ (VD 86). A abordagem individualista da Escritura alimenta espiritualidades ambíguas. Tende a fazer de Deus um ídolo” (CNBB, Doc 114, n. 107).

APROFUNDAMENTO: Nestes tempos de polarizações, estamos firmes no fazer ou bem ou às vezes tropeçamos? Por quê?

7º Encontro:

Abraçar o Evangelho: Ser nova criatura



Chave de Leitura: Gálatas 6,11-18

1. Os que pregam a circuncisão, o que de fato estão buscando?
2. Para Paulo o que é o mais importante?
3. O que é o mais importante na vivência cristã na atualidade?

Paulo tinha receio de que sua carta fosse falsificada. Ele reforça, “de próprio punho”, sua autoria (cf. 2Ts 3,17). E, de forma breve, recorda os temas essenciais da carta, com “letras grandes”. Retoma a tensão entre os dois “modelos de Igreja”: os cristãos mais fechados e apegados à tradição judaica, que queriam retornar com a exigência da circuncisão e da pureza ritual; de outro lado, os cristãos mais abertos, convertidos a partir do anúncio de Paulo aos pagãos, que afirmavam a liberdade em Cristo. Somente Cristo nos faz verdadeiros filhos da promessa e pertencentes a uma nova criação.

O grupo que defendia a necessidade da circuncisão eram aliados ao Império Romano. Chegaram a conseguir do impe-

rador uma autorização para a prática do judaísmo (chamada de religião lícita). Com isso, eles não eram perseguidos pelo Império. Assim, os cristãos legalistas não queriam perder esse privilégio e espionavam os cristãos vindos do paganismo (Gl 2,4) e se tornavam também delatores, perseguidores dos que abraçavam a liberdade do Evangelho.

Por causa de sua postura profética, o cristianismo da Igreja nascente incomodava o Império Romano e isso atraía sobre os cristãos a perseguição. Paulo tem muita clareza sobre a realidade vivida nas comunidades. Ele convoca os cristãos da região da Galácia a não irem “na onda” dos cristãos judaizantes e a insistirem na liberdade do Evangelho, ainda que levasse à perseguição, à cruz. Cristo crucificado, loucura para os judeus e escândalo para os pagãos, era o modelo seguido por Paulo e devia ser seguido pelas comunidades. Querer salvar a vida é perdê-la (Mt 16,25). A glória da cruz não é humana, mas fruto da graça que traz liberdade para todos (cf. Jo 10,10).

Paulo anuncia um Evangelho que abre as fronteiras da Igreja nascente. Já não há judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher (Gl 3,26-28). Este hino batismal resume o ideal cristão da plena liberdade trazida por Cristo. O que conta, é ser nova criatura. Os que foram batizados, receberam o “Espírito de Cristo” (Gl 4,6), para viverem a plena liberdade gratuitamente oferecida por Jesus.

Na despedida final da carta (Gl 6,16-18) Paulo deseja “Paz e misericórdia” aos que seguissem a norma, ou seja, aos que abraçassem a liberdade de Cristo no amor. “Norma” indica o jeito de viver de Cristo que deve ser assumido por todos os seus discípulos/as. E deixa claro que isso

não o afasta das promessas de Abraão, por isso ser refere ao “Israel de Deus”, àqueles/as que abraçando Cristo se tornam o povo fiel da Nova Aliança. Com a bênção de “Paz e misericórdia”, Paulo espera desarmar aqueles que o censuravam pelo abandono da tradição da Lei. Paulo é consciente de que somente Cristo cumpre a promessa e seguiu-o de perto, recriando na própria vida seu modo de ser e de agir é mostrar-se verdadeiro filho de Deus, herdeiro das promessas feitas a nosso país na fé.

Enfim, Paulo que, desde o início se identifica como o “escravo de Cristo” (Gl 1,10), recorda que as cicatrizes que traz em seu corpo, fruto de muitas perseguições por causa de seu testemunho de Jesus Cristo, indicam que, definitivamente ele é de Cristo. Se o escravo carrega a marca de propriedade de seu patrão, Paulo traz em si as marcas de Cristo. E termina a carta saudando os leitores como “irmãos” no desejo de que a graça de Cristo, a força capaz de vencer as adversidades, estivesse com eles. Este era o caminho da unidade sonhada por Cristo e desejada por Paulo. O “Amém” é o “assim seja” ou “esta é a minha fé”, a expressão litúrgica que acena para a unidade que se antecipa na liturgia sacramental e se realiza na “liturgia da vida”.

Em tempos de tantos desencontros aguçados por este clima de pandemia, Deus nos traz um colírio para limpar nossa visão para melhor compreendermos os desafios à nossa volta e sinceramente trabalharmos juntos pela liberdade que vem de Cristo e que nos leva a caminhar na unidade pois n`Ele, todos nós somos um...

APROFUNDAMENTO: O que fazer para que o Evangelho seja de fato, a regra maior do nosso agir pessoal e comunitário?



Oração para pedir a Sabedoria de Deus

“Senhor, manda a Sabedoria
desde o céu santo
e a envia desde o teu trono glorioso,
para que ela nos acompanhe
e participe dos nossos trabalhos,
e nos ensine o que é agradável a Ti.
Porque ela tudo sabe e tudo compreende.
Ela nos guiará prudentemente em nossas ações
e nos protegerá com a glória dela.
Assim, as nossas obras serão agradáveis a ti.
(...) Quem poderá conhecer o teu projeto,
se tu não lhe deres sabedoria,
enviando do alto o teu Espírito Santo?
Somente assim foram endireitados
todos os caminhos de quem vive sobre a terra.
Somente assim os homens aprenderam
aquilo que te agrada.
Eles foram salvos por meio da sabedoria”.
Dá-nos sempre a Tua Sabedoria, Senhor!
Amém!

(Sb 9, 10-11;17-18 - adaptada)

